

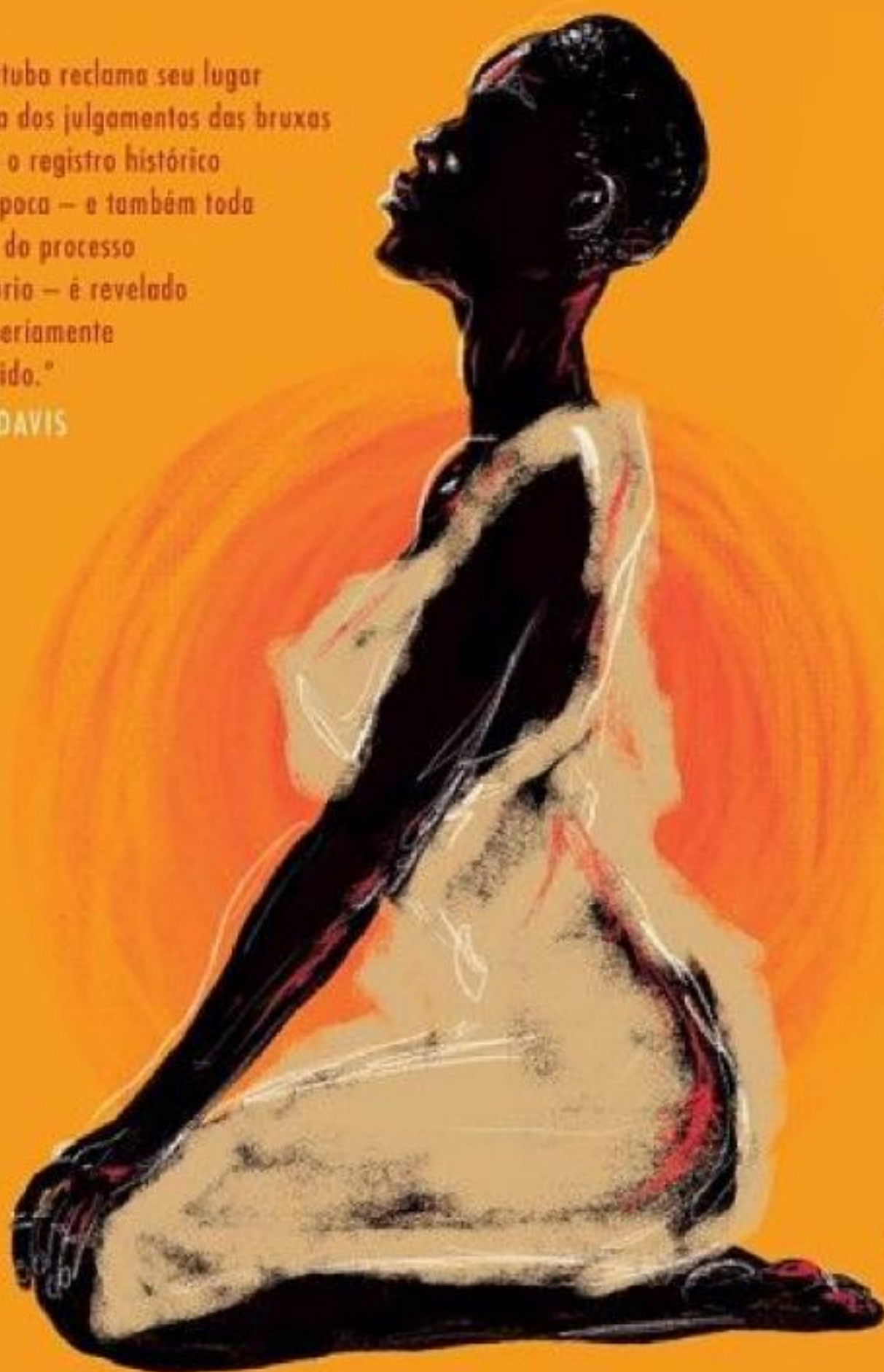
VENCEDORA DO NEW ACADEMY PRIZE 2018 (PRÊMIO NOBEL ALTERNATIVO)

MARYSE CONDÉ

"Quando Tituba reclama seu lugar na história dos julgamentos das bruxas de Salem, o registro histórico daquela época — e também toda a história do processo colonizatório — é revelado para ser seriamente interrompido."

ANGELA DAVIS

PREFÁCIO DE  
CONCEIÇÃO  
EVARISTO



rosa dos  
tempos

EU, TITUBA

BRUXA NEGRA DE SALEM

(ROMANCE)

Copyright © Éditions Mercure de France, 1986

Copyright da tradução © Editora Rosa dos Tempos, 2019

Título original: *Moi, Tituba, sorcière... noire de Salem*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Condé, Maryse

C749e

Eu, Tituba [recurso eletrônico] : bruxa negra de Salem /  
Maryse Condé; tradução Natalia Borges Polesso. - 1. ed. -  
Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 2019.

recurso digital

Tradução de: *Moi, Tituba, sorcière... noire de salem*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11816-5 (recurso eletrônico)

1. Romance francês. I. Polesso, Natalia Borges. II. Título.

19-59600

CDD: 843

CDU: 82-31(44)

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

Todos os direitos reservados. É proibido reproduzir, armazenar ou transmitir partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos desta edição adquiridos pela

EDITORA ROSA DOS TEMPOS

Um selo da

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br)  
e receba informações sobre nossos  
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)

Produzido no Brasil  
2019

# NOTAS

Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem

Nota da edição Brasileira

I

II

Epílogo

Nota Historiográfica

# PREFÁCIO

Tituba, um evocar das  
águas que ainda nos  
atormenta!

*Conceição Evaristo*

*“o dever do escravizado é sobreviver. Escutou? Sobreviver?”*

*“Eu sabia, eu estava condenada à vida!”*

MARYSE CONDÉ

A leitura do livro *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, da escritora Maryse Condé, natural da ilha de Guadalupe, oferece-nos uma revisitação a um doloroso evento acontecido em 1692 em Salem, um pequeno povoado da América do Norte. Ali, várias pessoas, que viviam sob a influência de uma doutrina cristã intransigente, puritana e supersticiosa, ao serem apontadas como bruxas, foram condenadas à morte. Entre as pessoas havia uma mulher negra escravizada, originária de Barbados, conhecida por Tituba. Sobre ela caía a suspeita de professar e praticar hoodoo. A suspeição foi construída a partir de comportamentos estranhos de crianças das quais Tituba cuidava, em sua função de “mãe preta” — lugar

também bastante conhecido na história de escravização e de subalternização das mulheres africanas e de suas descendentes em solo brasileiro, e quem sabe em todas as Américas.

Antes da criação de *Maryse Condé*, o mesmo fato servira de inspiração para uma peça teatral de Arthur Miller, nos anos 1950, nos Estados Unidos, traduzida no Brasil como *As bruxas de Salem*. Entretanto, entre as duas leituras ficcionais do tribunal de Salem, há de se observar distintas perspectivas, que variam conforme o olhar dos sujeitos de criação ao construir, cada um, sua narrativa.

Maryse Condé se apropria do fato histórico, criando uma narrativa, em que a voz da personagem-narradora, Tituba, oferece outra versão do evento, distinta da oficial. A pesquisadora de literatura Ana Maria M. Roeber ressalta que o texto de Miller pretende consagrar um homem, John Proctor, um dos condenados, como herói. Nesse sentido, a obra do teatrólogo americano segue uma tradição consagrada pela literatura e pelo teatro, a de alçar sempre a figura masculina à condição de herói-protagonista.

Maryse Condé cria em campo diferenciado de tradição, ou melhor, cunha o seu texto no lugar de uma não tradição. A sua narrativa traz como protagonista uma mulher. E é nela que a escritora concentra o seu foco, desejando lhe conferir uma heroicidade.<sup>1</sup>

Concordo com a observação de Ana Maria M. Roeber, quando a pesquisadora destaca o distanciamento da criação de Maryse Condé e Arthur Miller pela escolha de seus personagens principais. Entretanto, realço mais um dado, também não comum aos textos teatrais, à prosa ou à poesia: Maryse Condé coloca no centro de sua narrativa uma mulher negra escravizada, individualizando ainda mais o seu escrito em relação ao do teatrólogo

estadunidense.

A partir desse índice no texto de Condé, não há como ler *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* e não relembrar a história do tráfico negreiro, da escravização dos povos africanos e de seus descendentes nas Américas.

Já nas primeiras linhas da narrativa, a voz da protagonista, em primeira pessoa, revela: “Abena, minha mãe, foi violentada por um marinheiro inglês no convés do *Christ the King*, num dia de 16<sup>\*\*</sup>, quando o navio zarpava para Barbados. Dessa agressão nasci. Desse ato de agressão e desprezo.” A concepção de Tituba por meio de um ato de violência metaforiza a povoação das Américas. A história da colonização do continente americano foi marcada pelo estupro das mulheres indígenas e africanas escravizadas.

A errância de Tituba é um dos aspectos que compõem a vida da personagem. Ela reside em vários lugares, pelas circunstâncias da escravização. Tem saudades do local de origem dos seus, embora a dor seja recalcada, como se não existisse.

Há uma passagem em que Tituba e outra mulher, a quem encontra na prisão, passando a dividir por uns tempos a mesma cela, conversam sobre o fato de as mulheres carregarem, no nome, a marca dos homens. Primeiro carregam o nome do pai, depois o do marido, afirma a mulher branca. Admirada, quando Tituba conta que o nome dela fora dado pelo pai, retruca:

— Eu esperava que, ao menos, certas sociedades escapassem a essa lei. A sua, por exemplo!

Tituba, pensativa, responde:

— Talvez, em África, de onde viemos, seja assim. Mas nós não sabemos nada sobre a África e ela não mais nos importa.

Uma geografia afetiva é conclamada em todo o texto pelo rememorar da personagem na contação de sua história. Há

lembrança de espaços físicos, assim como há uma convocação do espaço-tempo dos ancestrais, dos mortos, a se intrometer, a participar da vida dos vivos.

A memória da escravização vivida pelos povos africanos diversas vezes é conclamada pela personagem, na medição dos sofrimentos pelos quais ela passa no presente. Barbados, como metonímia da África, lugar distante, é retomado pela memória nas terras em que Tituba se encontrava isolada. A personagem, sujeito diaspórico, avaliava as dores do presente em consonância com as dores de seu povo no passado e concluía que: “[...] o sofrimento e a humilhação tinham plantado seu império. A vil esquadra de navios negreiros continuava fazendo girar a roda da miséria. Quebre, moinho, com a cana, ante meus braços e que meu sangue tinja seu doce sumo!”

O processo de escravização de um povo se eterniza no tempo, em cada negro que tem sua vida ceifada. Tituba caminha entre os mortos e diz: “Um negro acaba de ser enforcado no topo de um flamboaiã. As flores e o sangue se confundem. Ah, sim, esqueci, nossa escravidão não acabou. [...] Nós explodimos no ar como fogos de artifícios. Vejam os confetes de nosso sangue!”

A figuração do mar, com suas águas, também é evocada por Tituba; mas Maryse Condé cria a sua personagem entoando vozes, não à moda dos poetas portugueses. Fernando Pessoa canta que “Navegar é preciso; viver não é preciso”.<sup>2</sup> O mar dos assim chamados “descobridores” foi exaltado em sua potência, em sua rota de aventuras para “descobrir”, isto é, para se apossar de novas terras.

Entretanto, para os povos ditos “descobertos”, a canção entoada é atravessada por outros sentidos, em tom profundamente diverso. “Recordar é preciso”:<sup>3</sup> é necessário ainda exorcizar as dores, curar



os traumas. Tituba, a bruxa negra de Salem, canta o mar das tormentas. Ela clama pelos que ficaram afogados nas águas negreiras. Clama pelos que partiram e pelos que ficaram, compondo assim uma dolorida fala:

Pois se a água das nascentes e dos rios atrai os espíritos, a do mar, em perpétuos movimentos, assusta-os. Eles se mantêm afastados de sua imensidão, às vezes enviam mensagens para aqueles que estimam, mas não atravessam, não ousam ficar sobre as ondas:

— Atravessem as águas, ô meus pais!

— Atravessem as águas, ô minhas mães!

A obra *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* oferece também uma leitura bastante elucidativa sobre a condição das mulheres no período em que uma moral puritana imperava sobre a sociedade. Todas as mulheres estavam sob o poder de um patriarcalismo exercido pelos homens de sua família e pela Igreja. As mulheres de todas as condições sociais eram subjugadas. As africanas e suas descendentes mais ainda, pois estavam em condição de subordinação, imposta pelo senhor e pela senhora.

Em certos trechos da narrativa é possível vislumbrar uma cumplicidade entre as mulheres, notadamente pelo olhar e pelas ações de Tituba em relação à senhora. O relato é escrito de tal forma que uma ilusão é criada de que há uma real cumplicidade entre a senhora e a outra escravizada.

Haveria a possibilidade de a senhora Parris se cumpliciar com uma mulher que estava ali para servi-la e que fazia isso tão bem?

Uma mulher não escravizada, mas duramente vigiada, Hester, punida pelas regras morais, no fundo de uma prisão alcançaria a dor de Tituba?

Hester, a feminista branca, pensaria na mulher escravizada como igual? Ou se julgaria superior por deter conhecimentos que Tituba não tinha?

No desespero, na dor, as duas trocaram segredos e sentimentos. Tempos depois de as duas mulheres terem se encontrado na prisão, Tituba com saudades diz: “Um dia, eu descobri uma orquídea na raiz de uma samambaia. Eu a batizei de ‘Hester’.”

Ao longo do relato, percebe-se que a experiência de ser “coisa escravizada” nas mãos dos senhores e das senhoras não retira de Tituba a humanidade. Ela cuida da criança, a filha da senhora. E foi justamente nesse cuidado, nesse zelar pela vida de Betsey, a pequena filha do casal Parris, que Tituba sofre a suspeição de ser uma bruxa. Torna-se vítima de quem ela protege.

Sentindo-se traída, Tituba emite um julgamento generalizante em relação aos brancos escravocratas da época: “Confesso que sou ingênua. Eu estava convencida de que mesmo uma raça infame e criminosa poderia produzir indivíduos sensíveis e bons, como uma árvore atrofiada pode dar bons generosos. Eu acreditava na afeição de Betsey.”

Tituba sabia, depois de ter vencido tantas dores, que “estava condenada a viver”.

Assistira, ainda pequena, à morte de sua mãe, ordenada pelos brancos, e logo depois recebeu a notícia de que o homem que havia se tornado seu pai e que ela amara tanto também fora indiretamente morto pelas mãos dos brancos. Condenada a viver, a personagem segue narrando a sua vida. Narração que, embora se desenvolva em primeira pessoa, traz a vida de muitos.

Mas, apesar de todos os sofrimentos, inclusive em suas relações amorosas, Tituba continuava persistindo. Aliás, um dos aspectos que diferencia Tituba da senhora Parris é o modo como ela vive

seu próprio corpo. Este, embora sendo “coisa”, por sua condição de escravizada, Tituba sabia fazê-lo seu. Ela se permitia vivências amorosas, desejos, prazeres, que inclusive feriam a moral cristã.

Falando de suas relações amorosas, dos gozos experimentados por seu corpo, Tituba, ao experienciar novas formas de amor, diz: “O prazer para mim sempre teve a forma de outro corpo, cujas cavidades se encaixavam às saliências e onde as saliências se aninhavam nas macias planícies de minha carne. Hester me indicava o caminho para outro gozo?”

O texto conclama a leitura, quer pela curiosidade pelo desfecho da história, quer pela compreensão lenta de que a “bruxaria” de Tituba, nada mais é do que uma sabedoria construída em outros espaços culturais. Modos diferenciados de relações com a morte, com os mortos e com as forças ancestrais.

Maryse Condé, com uma espécie poética da dor, tão bem desenhada nessa obra, magistralmente constrói um relato mesclando história e ficção. E, no vazio da história, a ficção, o invento, entra para suprir a ausência de informação.

Parece-me muito sintomático que, sendo Tituba a pessoa que desencadeia todos os eventos de Salem, a historiografia traga tão poucas informações sobre ela. A origem de Tituba é apontada como sendo de Barbados, mas também poderia ser nativa da região de Salem. Os dados que não divergem são os que informam sua condição de escravizada. Registram que Tituba “era uma escrava”.

Quanto à imprecisão do lugar de origem de Tituba, a ausência de fontes primárias sobre a origem dela é um vazio que os sujeitos diaspóricos carregam na reconstituição da árvore genealógica. Nesse sentido, a ficção de Maryse Condé intervém na vida de Tituba. Cria uma origem, uma história para ela.

Fala inventiva, em que a dor da personagem chega a ser quase redimida pelo exercício da linguagem poética da escritora. Há belíssimas passagens na narrativa construída pelas palavras de Condé, que busca se confundir com a oralidade. Uma estética africana, próxima à de contação de histórias, nutre várias passagens do relato. Como momentos exemplares cito estes:

“O amanhã que nos espera tem o sorriso dos recém-nascidos!”

“[...] eu sei por que há tanto sofrimento, por que os olhos de nossos negros e negras são brilhantes de água e sal. Mas eu também sei que tudo terá fim.”

A ficção tudo pode. Maryse Condé, ao imaginar uma história para Tituba, agiu como as pessoas que se comportam em relação aos acontecimentos de Salem. Criaram várias histórias, verdades e inventos sobre os fatos:

Falavam. Contavam. Embelezavam. Isso fazia um grande rumor de palavras, tenaz e doce como o mar.

Talvez tenham sido essas palavras que puseram em pé mulheres, homens e crianças. Que os fizeram girar as rodas de pedra da vida.

E, para saber de Tituba, a bruxa negra de Salem, é preciso acompanhar quem sabe lidar com a alquimia das palavras. Maryse Condé tem as fórmulas, as poções mágicas da escrita.

EU, TITUBA: BRUXA NEGRA DE SALEM

## NOTA DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Nesta edição brasileira foram mantidas as notas originais de rodapé que integram a edição-base de *Moi, Tituba, Sorcière... noire de Salem*, publicada pela Mercure de France em 2017.

Foi feita a correspondência, tanto quanto possível, da grafia de elementos que integram a fauna e a flora de Barbados, citados por Maryse Condé neste livro. Quando não havia correspondente no Brasil para o nome de animal ou planta citado em francês, indicou-se o similar, da mesma espécie, comum aos dois países. Alguns nomes foram criados pela autora; neste caso, mantivemos, sem qualquer destaque gráfico, como no original.

Da mesma forma, palavras estrangeiras à língua portuguesa e à francesa foram grafadas como no original, sem destaque gráfico.

Evitou-se incluir notas explicativas, uma vez que a Editora acredita que a busca pelas informações faz parte da leitura e enriquece o imaginário da leitora ou do leitor deste livro. Nos casos em que a informação não podia ser facilmente recuperável, a tradutora brasileira, Natalia Borges Polesso, criou notas, que integram esta edição em rodapé, identificadas por “[N. T.]”.

Tituba e eu vivemos uma estreita intimidade durante um ano. Foi no correr de nossas intermináveis conversas que ela me disse essas coisas que ainda não havia confiado a ninguém.

MARYSE CONDÉ

*“Death is a porte whereby we  
pass to joye;  
Lyfe is a lake that drowneth  
all in payne.”*

JOHN HARRINGTON

(Poeta puritano do século XVI)<sup>4</sup>



I

1.

Abena, minha mãe, foi violentada por um marinheiro inglês no convés do *Christ the King*, num dia de 16\*\*, quando o navio zarpava para Barbados. Dessa agressão nasci. Desse ato de agressão e desprezo.

Quando, longas semanas mais tarde, chegamos ao porto de Bridgetown, ninguém notou a condição de minha mãe. Como ela não tinha mais do que dezesseis anos e como era bonita, com sua tez de um negro azeviche e suas bochechas altas com o desenho sutil das cicatrizes tribais, um rico fazendeiro de nome Darnell Davis a comprou por bastante dinheiro. Junto com ela, ele adquiriu dois homens, axanti também, vítimas das guerras entre fânti e axanti. Ele destinou minha mãe à sua mulher, que estava inconsolável por ter deixado a Inglaterra e cujo estado físico e mental necessitava de cuidados constantes. Pensou que minha mãe saberia cantar para distraí-la, quiçá pudesse dançar e realizar aqueles truques que, acreditava, os negros gostassem de fazer. Destinou os dois homens à sua plantação de cana-de-açúcar, que crescia bem, e a seus campos de tabaco.

Jennifer, a esposa de Darnell Davis, não era muito mais velha que a minha mãe. Casaram-na com esse homem rude, que ela odiava e que a deixava sozinha à noite para ir beber, e que já tinha uma penca de filhos bastardos. Jennifer e minha mãe se tornaram

amigas. Afinal, não eram mais que duas crianças assustadas com o rugido dos grandes animais noturnos e com o teatro de sombras dos flamboaiãs, das cabaceiras e das mafumeiras da plantação. Elas dormiam juntas, e minha mãe, com seus dedos, brincava com as longas tranças de sua companheira e contava a ela as histórias que sua mãe havia lhe contado em Akwapim, sua vila natal. Trazia à cabeceira da cama todas as forças da natureza para que a noite fosse conciliadora e para que os bebedores de sangue não as secassem por completo antes do nascer do sol.

Quando Darnell Davis percebeu que minha mãe estava grávida, ficou furioso ao lembrar quantas boas libras esterlinas tinha gasto com sua aquisição. Agora teria sob sua tutela uma mulher doente que não serviria para nada. Ele se recusou a ceder às súplicas de Jennifer e, para punir minha mãe, deu-a a um dos axanti que tinha comprado junto com ela, Yao. Além disso, ele a proibiu de pôr os pés na Casa-Grande. Yao era um jovem guerreiro que não se resignou a plantar cana, cortá-la e arrastá-la ao moinho. Também, por duas vezes, ele tentou se matar mascarando raízes venenosas. Salvaram-no. Por pouco não morreu. E o trouxeram de volta a uma vida que ele odiava. Darnell esperava que, dando a ele uma companheira, também estaria lhe dando o gosto pela vida, e assim Yao voltaria às suas tarefas. Que mal inspirado estava naquela manhã de junho de 16\*\*, quando foi ao mercado de escravos de Bridgetown! Um dos homens estava morto. O outro era um suicida. E Abena estava grávida!

Minha mãe entrou na cabana de Yao um pouco antes da hora da refeição da noite. Ele estava deitado na cama, deprimido demais para cogitar comer qualquer coisa, muito pouco curioso com essa mulher, cuja vinda lhe foi anunciada. Quando Abena apareceu, ele se apoiou sobre um dos cotovelos e murmurou:

— Akwaba!<sup>5</sup>

Depois ele a reconheceu e exclamou:

— É você.

Abena se verteu em lágrimas. Tempestades demais se acumularam ao longo de sua curta vida: seu vilarejo incendiado, seus pais estripados ao tentar se defender, sua violação e, agora, a separação brutal de um ser tão doce e tão desesperado quanto ela mesma.

Yao se levantou, e sua cabeça tocou o teto da cabana, pois esse negro era tão alto quanto uma laranjeira-do-mato.

— Não chore. Não vou te tocar. Não vou te fazer mal algum. Acaso não falamos a mesma língua? Não adoramos o mesmo deus?

Então ele baixou os olhos até o ventre da minha mãe:

— É o filho do senhor, não é?

As lágrimas, ainda mais quentes, de vergonha e de dor, brotavam dos olhos de Abena:

— Não, não! Mas ainda assim é o filho de um branco.

Enquanto ela estava lá, na frente dele, cabeça baixa, uma imensa e doce compaixão preencheu o coração de Yao. A ele pareceu que a humilhação dessa criança simbolizava aquela de todo seu povo, derrotado, disperso, leiloado. Ele secava as lágrimas que escorriam dos olhos dela.

— Não chore. A partir de hoje, seu filho é o meu filho. Ouviu? E que se cuide aquele que disser o contrário.

Ela não parou de chorar. Então ele ergueu a cabeça e perguntou:

— Conhece a história do pássaro que ria das folhas da palmeira?

Minha mãe esboça um sorriso:

— Como é que eu não ia conhecer? Quando eu era pequena, essa era a minha história favorita. A mãe da minha mãe me

contava todas as noites.

— A minha também... e aquela do macaco que queria ser o rei dos animais? E subiu no topo de uma figueira-brava para que todos se curvassem diante dele. Mas um galho quebrou e ele foi ao chão, de bunda na poeira...

Minha mãe ri. Há muitos meses não ria. Yao pega a trouxa que ela tem nas mãos e a deposita em um canto da cabana. Depois ele se desculpa:

— Está tudo sujo aqui, porque eu não tinha vontade de viver. Para mim, era como uma poça de água suja que a gente quer evitar. Agora que você está aqui tudo é diferente.

Eles passam a noite nos braços um do outro, como irmão e irmã, melhor, como pai e filha, carinhosos e castos. Uma semana se passou até que fizessem amor.

Quando nasci, quatro meses mais tarde, Yao e minha mãe conheceram a felicidade. A triste felicidade dos escravizados, incerta e ameaçada, feita de farelos quase impalpáveis! Às seis horas da manhã, com sua faca nas costas, Yao partia aos campos e tomava seu lugar na longa fila de homens esfarrapados, arrastando os pés ao longo das trilhas. Durante esse tempo, minha mãe cultivava, em seu pedaço de terra, tomates, quiabos ou outros legumes, cozinhava e dava de comer a uma galinha magricela. Às seis horas da noite, os homens voltavam e as mulheres se ocupavam deles.

Minha mãe chorava, porque eu não era um menino. Parecia que o destino das mulheres era ainda mais doloroso que o dos homens. Para que se libertassem de sua condição, elas não deveriam passar pelas vontades dos homens que as mantinham em escravidão e deitar na cama deles? Yao, ao contrário, ficou contente. Ele me pegou com suas grandes mãos ossudas e

besuntou minha testa com sangue fresco de uma galinha depois de ter enterrado a placenta da minha mãe debaixo de uma mafumeira. Em seguida, me segurando pelos pés, apresentou meu corpo aos quatro cantos do horizonte. Foi ele quem me deu o meu nome: Tituba. Ti-Tu-Ba.

Não era um nome axanti. Sem dúvida, Yao, ao inventá-lo, queria provar que eu era filha de sua vontade e de sua imaginação. Filha do seu amor.

Os primeiros anos da minha vida se passaram sem histórias. Eu era um bebê bonito, rechonchudo, pois o leite da minha mãe me fazia bem. Depois aprendi a falar e a andar. Descobri o triste e, ao mesmo tempo, esplêndido universo ao meu redor. As cabanas de barro seco, escuras contra o céu desmedido, os adornos involuntários das plantas e das árvores, o mar e sua áspera canção de liberdade. Yao virou meu rosto na direção do mar e murmurou no meu ouvido:

— Um dia, nós seremos livres e voaremos com nossas próprias asas até nosso país de origem.

Depois ele me esfregou o corpo com um punhado de algas secas para evitar a boubá.

Na verdade, Yao tinha duas filhas, minha mãe e eu. Pois, para minha mãe, ele era muito mais do que um amante, era um pai, um salvador, um refúgio!

Quando foi que descobri que minha mãe não me amava mais?

Acho que quando eu cheguei aos cinco ou seis anos de idade. Embora tivesse me saído bem em crescer mal, isto é, ter a tez meio avermelhada e os cabelos completamente crespos, eu não cessava de lembrá-la do branco que a tinha possuído no convés do *Christ the King*, no meio de um círculo de marinheiros, observadores obscenos. Eu a lembrava a todo instante de sua dor e humilhação.

Então, quando me aconchegava carinhosamente nela, do jeito que as crianças gostam de fazer, ela me repelia inevitavelmente. Quando colocava meus braços ao redor do seu pescoço, ela tinha pressa em se desvencilhar. Ela só obedecia aos comandos de Yao:

— Coloque-a sobre seus joelhos. Beije. Faça carinho nela.

No entanto, eu não sofria dessa falta de afeto, pois Yao me amava por dois. Minha mão pequena junto da sua mão dura e áspera. Meu pé minúsculo na pegada do seu pé enorme. Minha testa na curva do seu pescoço.

A vida tinha um tipo de doçura. Apesar das proibições de Darnell, à noite, os homens montavam em cima dos tambores e as mulheres erguiam os trapos sobre as pernas cintilantes. E dançavam!

Muitas vezes, no entanto, assisti a cenas de brutalidade e tortura. Homens que voltavam ensanguentados, o peito e as costas cobertas de listras escarlates. Um deles morreu diante dos meus olhos, enquanto vomitava uma baba púrpura. Enterraram-no ao pé de uma mafumeira. Depois nos alegramos, pois aquele ao menos estava entregue e tomaria o caminho de volta.

A maternidade e, sobretudo, o amor de Yao tinham transformado a minha mãe. Ela era agora uma jovem mulher, branda e rosada, como a flor da cana-de-açúcar. Usava na cabeça um lenço branco, debaixo do qual seus olhos brilhavam. Um dia, ela me pegou pela mão para irmos procurar buracos de inhame num canteiro de terra que o senhor havia concedido aos escravizados. Uma brisa soprava as nuvens para o mar e o céu, lavado, era de um azul suave. Barbados, meu país, é uma ilha plana. Só tem algumas colinas aqui e ali.

Nós seguíamos por uma trilha que serpenteava entre as ervas-de-guiné, quando de repente ouvimos um barulho de vozes

irritadas. Era Darnell, que destratava um capataz. Ao ver minha mãe, sua expressão mudou radicalmente. Surpresa e alegria brigavam em sua face, e ele exclamou:

— É você, Abena? Mas que bom, o marido que eu te dei te transformou numa maravilha! Venha cá!

Minha mãe recuou de forma tão brusca que o cesto contendo um facão e uma cabaça de água, que trazia em equilíbrio sobre a cabeça, caiu. A cabaça se quebrou em três pedaços, espalhando seu conteúdo na relva. O facão caiu na terra, congelado e mortal, e o cesto se pôs a rolar pela trilha, como se quisesse fugir do drama que se instalaria. Apavorada, eu me lancei em sua busca e acabei por pegá-lo.

Quando voltei para perto da minha mãe, ela se detinha, ofegante, as costas contra uma cabaceira. Darnell estava parado em pé, a menos de um metro de onde ela estava. A camisa dele estava no chão e a calça estava aberta, revelando a brancura de suas roupas íntimas. A mão esquerda procurava algo bem na altura de seu sexo. Minha mãe berrou, virando a cabeça na minha direção:

— O facão! Me dá o facão!

Eu obedeci tão rápido quanto pude, segurando a enorme lâmina com minhas mãos frágeis. Minha mãe bateu duas vezes. Lentamente, a camisa de linho branco se tornou escarlate.

Enforcaram minha mãe.

Vi seu corpo girar nos galhos baixos de uma mafumeira.

Ela havia cometido o crime sem perdão. Tinha golpeado um branco. Ainda que não o tivesse matado. Em sua fúria desajeitada, apenas conseguiu cortar seu ombro.

Enforcaram minha mãe.



Todos os escravizados foram convidados para sua execução. Quando, de nuca quebrada, ela entregou sua alma, um canto de revolta e de ira se ergueu de todos os peitos que os capatazes fizeram calar com grandes golpes de chicote. Eu, refugiada na saia de uma mulher, senti se endurecer em mim, como lava, um sentimento que não me abandonaria nunca mais, um misto de terror e de luto.

Enforcaram minha mãe.

Quando seu corpo girou no vazio, apenas tive forças para me afastar com passos pequenos, agachar e vomitar sem parar sobre a relva.

Para punir Yao pelo crime de sua companheira, Darnell o vendeu a um fazendeiro de nome John Inglewood que vivia do outro lado dos montes de Hillaby. Yao jamais chegou a esse destino. No caminho, ele conseguiu se matar engolindo a própria língua.

Quanto a mim, aos sete anos apenas, fui expulsa da plantação por Darnell. Eu poderia ter morrido, se a solidariedade entre as pessoas escravizadas, que raramente se eximiam de algo, não tivesse me salvado.

Uma velha me acolheu. Parecia corajosa, pois havia visto morrer torturados seu companheiro e seus dois filhos, acusados de fomentar uma revolta. Na verdade, ela só tinha os pés sobre a nossa terra e vivia constantemente na companhia deles, cultivara o extremo dom de se comunicar com os invisíveis. Não era uma axanti como minha mãe e Yao, mas uma nagô, da costa, cujo nome, Yetunde, sofrera uma transformação para o crioulo, Man Yaya. As pessoas tinham medo dela. Mas vinham de longe para vê-la por causa do seu poder.

Ela começou me dando um banho, no qual boiavam raízes

fétidas, e deixando a água escorrer pelos meus membros. Em seguida, ela me fez beber uma poção que ela mesma tinha criado e amarrou ao redor do meu pescoço um colar feito de pequenas pedras vermelhas.

— Você vai sofrer na vida. Muito. Muito. — Essas palavras, que me mergulhavam num terror, eram pronunciadas com calma, quase sorrindo. — Mas você vai sobreviver!

Aquilo não me consolava! No entanto, uma autoridade se desprendia da pessoa arqueada e enrugada de Man Yaya, contra a qual eu não ousava protestar.

Man Yaya me ensinou sobre as plantas.

Aquelas que davam sono. Aquelas que curavam feridas e úlceras.

Aquelas que faziam os ladrões confessarem.

Aquelas que acalmavam os epiléticos e os mergulhavam em um repouso deleitoso. Aquelas que punham sobre os lábios dos furiosos, dos desesperados e dos suicidas palavras de esperança.

Man Yaya me ensinou a escutar o vento quando ele aumentava e a medir sua força debaixo das cabanas que ele queria destruir.

Man Yaya me ensinou sobre o mar. As montanhas e as colinas.

Ela me ensinou que tudo vive, que tudo tem uma alma, um sopro. Que tudo deve ser respeitado. Que o homem não é um senhor percorrendo a cavalo seu reino.

Um dia, no meio da tarde, adormeci. Era o tempo da Quaresma. Fazia um calor abrasador e, manejando a enxada ou o facão, os escravizados entoavam um canto abatido. Vi minha mãe, não uma boneca de pano dolente e desarticulada, girando no meio da folhagem, mas a vi cheia das cores do amor de Yao. E gritei:

— Mamãe!

Ela veio me pegar no colo. Deus! Como seus lábios eram doces.

— Me perdoe por ter acreditado que eu não te amava. Agora vejo isso claramente em mim e não vou te deixar nunca mais.

Eu gritava, com uma alegria desesperada!

— Yao! Onde está Yao?

Ela se vira:

— Ele também está aqui!

E Yao aparece para mim.

Eu corri para contar esse sonho à Man Yaya, que descascava as raízes da janta. Ela tinha um sorriso astuto.

— Acredita então que foi um sonho?

Fiquei sem resposta.

Dali em diante, Man Yaya me iniciou em um conhecimento mais profundo.

Os mortos só morrem se morrerem também em nosso coração. Eles vivem se nós os cultuamos, se honramos suas memórias, se colocamos sobre seu túmulo as mesmas comidas que eram de sua preferência quando estavam vivos, se em intervalos regulares nos recolhemos para comungar em sua memória. Eles estão aqui, em tudo ao nosso redor, ávidos por atenção, ávidos por afeto. Algumas palavras bastam para trazer seu corpo invisível junto ao nosso, impaciente para ser útil.

Mas cuidado com quem irrita, pois eles não perdoam jamais e perseguem com ira implacável aqueles que os ofenderam, mesmo que por inadvertência. Man Yaya me ensinou preces, cantilenas, gestos propiciatórios. Ela me ensinou a me transformar em pássaro no galho, inseto sobre a relva seca, em sapo coaxando no barro do rio Ormonde, quando eu queria me desprender da forma que tinha recebido ao nascer. Ela me ensinou principalmente sobre os sacrifícios. O sangue e o leite, líquidos essenciais. Mas, ai de mim!, pouco depois do meu aniversário de catorze anos, seu corpo sofreu

a lei da espécie. Eu não chorei quando dei seu corpo à terra. Eu sabia que não estava sozinha e que três sombras se revezavam ao meu redor em vigília.

Foi também nessa época que Darnell vendeu a plantação. Alguns anos antes, sua mulher, Jennifer, morrera ao lhe dar um filho, um bebê fraco, de pele pálida, que tremia de febre periodicamente. Apesar do leite que uma escrava lhe dava em abundância, forçada a abandonar o próprio filho, o bebê parecia estar marcado para o túmulo. O instinto paternal de Darnell despertou por sua única prole de raça branca, e ele decidiu retornar à Inglaterra para tentar curá-lo.

O novo senhor, numa prática pouco comum, comprou a terra sem as pessoas escravizadas. Com os pés acorrentados e uma corda ao redor do pescoço, eles foram então levados a Bridgetown para encontrar comprador e, em seguida, foram espalhados aos quatro ventos pela ilha, pais separados dos filhos, mães separadas das filhas. Como eu não pertencia mais a Darnell e parasitava a plantação, não participei do triste cortejo que tomou o caminho do mercado de leilões. Eu sabia de um canto às margens do rio Ormonde, aonde ninguém jamais ia, porque a terra lá era pantanosa e pouco propícia para o cultivo da cana. Construí sozinha, com a força dos meus punhos, uma cabana que consegui empoleirar sobre estacas. Pacientemente, cerquei um pedaço de terra e delimitei um jardim, onde logo cresceriam toda sorte de plantas que eu pudesse enfiar na terra para os meus rituais, respeitando as vontades do sol e do ar.

Hoje, percebo que esses foram os momentos mais felizes da minha vida. Eu nunca estava sozinha, porque meus invisíveis estavam ao meu redor, sem jamais, no entanto, me oprimir com sua presença.